



Obras da artista Rafa Bqueer,  
*Natureza dentada*, 2025,  
dimensões variáveis, e *Mapingua-Trava*, 2025,  
dimensões variáveis.  
Foto: Thaís Monteiro

**RESUMO:** A exposição “Tecendo Histórias: Arte Têxtil Latino-Americana”, com curadoria de Francela Carrera e cocuradoria de Ana Carla Soler e Carol Rodrigues, investiga o têxtil como linguagem artística, política e simbólica na arte contemporânea latino-americana. Realizada no SESC Tijuca, Rio de Janeiro, com abertura em 14 de março de 2026, a mostra foi desenvolvida no âmbito do Edital SESC Pulsar, com produção do Instituto Artistas Latinas e expografia da arquiteta Gisele de Paula. Reunindo artistas do Brasil, Argentina, Guatemala e Peru, a exposição evidencia como práticas historicamente associadas ao espaço doméstico e ao trabalho feminino ressurgem hoje como campo de experimentação estética e crítica social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Instituto Artistas Latinas; exposição; arte têxtil; memória; resistência; América Latina.

**ABSTRACT:** The exhibition “Weaving Histories: Latin American Textile Art,” curated by Francela Carrera with co-curators Ana Carla Soler and Carol Rodrigues, investigates textile as an artistic, political, and symbolic language in contemporary Latin American art. Held at SESC Tijuca in Rio de Janeiro, opening on March 14, 2026, the exhibition was developed within the framework of the SESC Pulsar Call for Proposals, with production by Instituto Artistas Latinas and exhibition design by architect Gisele de Paula. Bringing together artists from Brazil, Argentina, Guatemala, and Peru, the exhibition highlights how practices historically associated with the domestic sphere and women’s labor are reemerging today as a field of aesthetic experimentation and social critique.

**KEYWORDS:** Instituto Artistas Latinas; exhibition; textile art; memory; resistance; Latin America.

## EXPOSIÇÃO

# “TECENDO HISTÓRIAS: ARTE TÊXTEL LATINO-AMERICANA”

FRANCELA CARRERA – ABCA/SÃO PAULO

## INTRODUÇÃO

Conceber uma exposição a partir do zero implica enfrentar uma série de desafios curatoriais. Entre repertórios, referências e pesquisas acumuladas ao longo dos anos, torna-se complexo escolher qual linha de pensamento pode dar início a uma investigação consistente sobre o fazer manual. No meu caso, essa busca parte também de um lugar íntimo: minha própria experiência com o bordado. Mais do que a técnica ou o material em si, o que sempre me mobilizou nesta prática são os encontros que ela possibilita. Bordar, historicamente, tem sido também um gesto coletivo, um espaço de partilha onde histórias, memórias e bagagens se entrelaçam.

Nesses encontros, o fazer manual ultrapassa a dimensão estritamente criativa e passa a habitar um território mais íntimo, pessoal e, ao mesmo tempo, profundamente político. O ato de se sentar, bordar e conversar com outras bordadeiras produz um campo de acolhimento e escuta que, muitas vezes, se reflete no resultado final das obras. Foi a partir dessa

experiência sensível que nasceu o projeto “Tecendo Histórias: Arte Têxtil Latino-Americana”, concebido como uma proposta curatorial.

A exposição reúne 11 artistas e dois coletivos provenientes da Argentina, Brasil, Guatemala e Peru, cujas práticas investigam o tecido a partir de diferentes perspectivas contemporâneas. A seleção das artistas foi realizada em diálogo com as curadoras Ana Carla Soler, Carol Rodrigues e Paulo Farias, iniciando-se então um processo aprofundado de pesquisa, interlocução e análise das trajetórias de cada participante. Ao longo desse percurso, tornaram-se evidentes os pontos de convergência entre práticas tradicionais do fazer manual e novas experimentações de materiais, técnicas e linguagens.

Essa confluência revelou algo fundamental: o têxtil, quando atravessado por experiências contemporâneas, emerge como uma linguagem capaz de articular memória, território e posicionamento político. Assim nasceu “Tecendo Histórias”, um projeto que se constrói

simultaneamente como gesto íntimo e coletivo, caloroso e desafiador, reunindo artistas cujas práticas afirmam o fazer manual como campo de pensamento crítico e produção estética na América Latina.

Em “Tecendo Histórias: Arte Têxtil Latino-Americana”, os materiais têxteis conduzem a narrativa da mostra e se apresentam como experiências carregadas de vivências, lembranças e disputas simbólicas. A cada ponto e a cada costura, linhas, fios e tramas abrem camadas nas quais o cotidiano se entrelaça ao ritual, enquanto a sabedoria das arquiteturas em tecido encontra, na arte contemporânea, um espaço de reivindicação histórica. Presenciamos hoje um movimento crescente que revisita práticas historicamente associadas ao espaço doméstico e ao trabalho feminino. O que por séculos foi considerado um ofício menor ressurgiu como campo potente de experimentação estética, crítica social e produção de conhecimento.

Essa retomada emerge em um contexto social marcado por crises ambientais, deslocamentos forçados,



Figura 1: Vista geral da exposição “Tecendo Histórias: Arte Têxtil Latino-Americana”, SESC Tijuca, Rio de Janeiro, 2026. Foto: Thaís Monteiro

apagamentos culturais e desigualdades de gênero. Nesse cenário, o fazer têxtil reaparece como estratégia de permanência e resistência, resgatando saberes ancestrais e criando narrativas que escapam aos meios coloniais da escrita. Na exposição, as tramas dos tecidos convergem com as tramas da recordação e propõem gestos de insurgência coletiva, afirmando o direito à vida e à memória.

A mostra reúne práticas que transitam entre saberes tradicionais e experimentações contemporâneas, por meio de bordados, fotografias sobre tecido, serigrafias, colagens e *arpilleras*. Participam desta exposição artistas de diferentes territórios da América Latina: Ana Teresa Barboza (Peru), Angélica Serech (Guatemala), Cláu Epiphany (São Paulo), Claudia Lara (Paraná), Iah'ra/Iah Bahía (Rio de Janeiro), Karine de Souza (Rio de Janeiro), Laís Domingues (Pernambuco), Mónica Millán (Argentina), Nádia Taquary (Bahia), Mayara Veloso (Rio de Janeiro) e Rafa Bqueer (Pará), além dos coletivos Mulheres Atingidas pelas Barragens (Brasil) e Serigrafistas Queer (Argentina). Em suas obras, o

tecido aparece como matéria viva que conecta território, corpo e história.

Nesse conjunto, emergem núcleos de aproximação que não atuam como limites, mas como costuras que promovem encontros entre diferentes experiências. Entre eles estão “Mobilização social”, que reúne práticas coletivas que utilizam o tecido como ferramenta de denúncia; “Geografia sensível”, que fábula territórios e paisagens afetivas; “Têxtil expandido: corpo, imagem e performance”, que desloca os limites da arte para o campo da ação e da presença; “Retratos: presença e matéria”, onde o tecido se torna suporte de experiências subjetivas; e “Espiritual e sagrado”, núcleo que condensa relações entre o fazer manual, a espiritualidade e as cosmologias latino-americanas.

Ao reunir artistas do Brasil, Argentina, Guatemala e Peru, “Tecendo Histórias” se constrói como uma grande colcha de retalhos latino-americana. Nesse tecido coletivo, as obras revelam que nossas lutas sociais, culturais e ambientais se

entrelaçam. O fazer manual, nesse contexto, ultrapassa a dimensão técnica: transforma-se em território político, espaço de reminiscência e linguagem de resistência.

## SOBRE OS NÚCLEOS CURATORIAIS:

### 1. MOBILIZAÇÃO SOCIAL

#### MULHERES ATINGIDAS POR BARRAGENS E SERIGRAFISTAS QUEER

Este núcleo reúne práticas em que o fazer manual e a serigrafia são suporte para ferramentas diretas de denúncia, memória e mobilização social. Aqui, bordar e estampar são gestos coletivos que transformam experiências de violência, apagamento e exclusão em manifestações públicas de reivindicação.

O coletivo Mulheres Atingidas por Barragens, vinculado ao Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), recupera a tradição latino-americana das *arpilleras* para narrar, em tecido, as consequências ambientais e sociais provocadas por grandes empreendimentos. Seus bordados



Figura 2: Série de obras do coletivo Mulheres Atingidas por Barragens. *Mulheres Atingidas por Barragens em Luta*, 2023/24, bordado a mão sobre tecido, 30 x 42 cm. *Direitos Já!*, 2024, bordado a mão sobre tecido e juta, 58 x 51 cm. *Luta e Resistência*, 2023/24, bordado a mão sobre tecido, 32 x 42 cm. *Sem título*, 2023/24, bordado a mão sobre tecido, 32 x 42 cm. *Tratores Famintos*, 2024, bordado a mão sobre tecido, 45 x 54 cm. *Sem título*, 2023/24, bordado a mão sobre tecido, 32 x 42 cm. Foto: Thaís Monteiro



Figura 3: Série de obras do coletivo Serigrafistas Queer. *Sem título*, 2025, serigrafia sobre tecido, dimensões variáveis. Foto: Thaís Monteiro

figurativos funcionam como relatos visuais de deslocamento, perda e luta por direitos, estabelecendo uma genealogia de pensamento, território e fazer manual. Já as Serigrafistas Queer apresentam um conjunto vivo de tecidos que registram quase duas décadas de produção coletiva ligada a pautas dissidentes de gênero, corpo e política. A serigrafia opera como mobilização de ideias e construção ativista.

## 2. GEOGRAFIA SENSÍVEL:

### ANA TERESA BARBOZA, ANGÉLICA SERECH, CLAUDIA LARA E MAYARA VELOSO

Neste conjunto, as tramas e fios aparecem como forma de ler e construir o território. As artistas reunidas buscam mais do que apresentar a paisagem, suas obras a recriam a partir do gesto manual, transformando fios em relevo, cor e volume.

Na obra de Ana Teresa Barboza, o bordado traduz o tempo da natureza, plantas, céu e atmosfera. Imagens que vislumbram mapas e florestas convertem os fios em um percurso orgânico.

Angélica Serech desenvolve obras nas quais o tecido nasce diretamente das cores, formas e saberes da comunidade maia Kaqchikel. Nos seus trabalhos,

o corpo se dilui nas vestimentas, que compartilham a mesma geografia cromática. Já na instalação de Claudia Lara, as camadas de filó e os bordados



Figura 4: Obra das artistas Ana Teresa Barboza, *Tramar 2*, 2026, tecido em tear com linhas de algodão, ovelha e alpaca tingido com tintas naturais, bordado à mão sobre fotografia digital em papel-algodão, 150 x 77 cm, e Mayara Veloso, obras *Sem título*, 2020-2021, costura em tecido de estofaria, 200 x 250 cm, e *Circuito II*, 2025, chita e enchimento, dimensões variáveis. Foto: Thaís Monteiro



Figura 5: Obra da artista Angélica Serech, *Habitar la Raiz*, 2026, tear de cintura com técnica livre feita à mão, 52 x 96 x 220 cm. Foto: Thaís Monteiro

constroem uma cartografia íntima na qual território, lembrança e ancestralidade se entrelaçam. Mayara Veloso apresenta uma escultura de tramas e fios que coloca a natureza como espaço a ser habitado. O têxtil torna-se uma geografia feita à mão; nela, território e experiência se entrelaçam em um ciclo contínuo de nascimento e retorno.

### 3. TÊXTIL EXPANDIDO, COM IAHRA E RAFA BQUEER

Aqui o manual ultrapassa o campo do objeto e se expande para o corpo e para a ação performática. As práticas reunidas tensionam os limites entre arte têxtil, moda, fotografia, carnaval e cinema, propondo novas formas de presença dentro e fora do espaço expositivo.

Iahra pesquisa como as tramas e imagens constroem territórios afetivos ligados à memória negra e à ancestralidade. Nos seus trabalhos, o tecido, a fotografia e as roupas se consolidam como dispositivos de reconfiguração identitária. Já Rafa Bqueer articula a superfície têxtil à

performance e à cultura do carnaval, criando trabalhos que atravessam gênero, raça e visibilidade LGBTQIA+,

e desafiando as estéticas dos figurinos ao articulá-los como um ato performático.



Figura 6: Obras da artista Rafa Bqueer, *Natureza dentada*, 2025, dimensões variáveis, e *Mapingua-Trava*, 2025, dimensões variáveis. Foto: Thaís Monteiro



Figura 7: Obra da artista Iahra, *Klein*, 2025, bordado em ráfia, linha de lã e algodão, 80 x 30 cm. Foto: Thaís Monteiro

#### 4. RETRATOS: PRESENÇA E MATÉRIA, COM KARINE DE SOUZA, LAÍS DOMINGUES E MÓNICA MILLÁN

Neste núcleo, a autorrepresentação não se manifesta de forma figurativa, mas pela presença inscrita nas matérias. As artistas reunidas elaboram possibilidades de retratos têxteis a partir de pensamentos, saberes e vínculos que atravessam pessoas, territórios e espiritualidades.

Karine de Souza investiga aspectos formais nas obras, como composição, cor e materialidade, ao criar superfícies que evocam presença acumulada ao longo do processo de pesquisa e fatura das obras, tendo na experimentação um método de construção intuitiva. Laís Domingues trabalha com a fotografia artesanal para homenagear e reverenciar a recordação das mulheres bordadeiras de Pernambuco, construindo memórias vivas de suas existências. A obra de Mónica Millán catalisa a relação entre tarefas domésticas herdadas e o estudo

artístico formal. O têxtil, para a artista, é um lugar de contação de histórias, onde tanto resgata saberes ancestrais de tecelagem da cultura Guarani, em Yataity

del Guairá, Paraguai, berço da tecelagem do Ao po'i, como também reúne histórias ao desenvolver processos de vivência, escuta e criação coletiva com a comunidade.



Figura 8: Obra da artista Karine de Souza, *Em busca de uma identidade que nunca encontrei me apego ao passado num ato de autodescoberta*, 2023. Bordado, fotografias impressas em algodão cru, búzios e miçangas amadeiradas, 58 x 107 cm. Foto: Thaís Monteiro

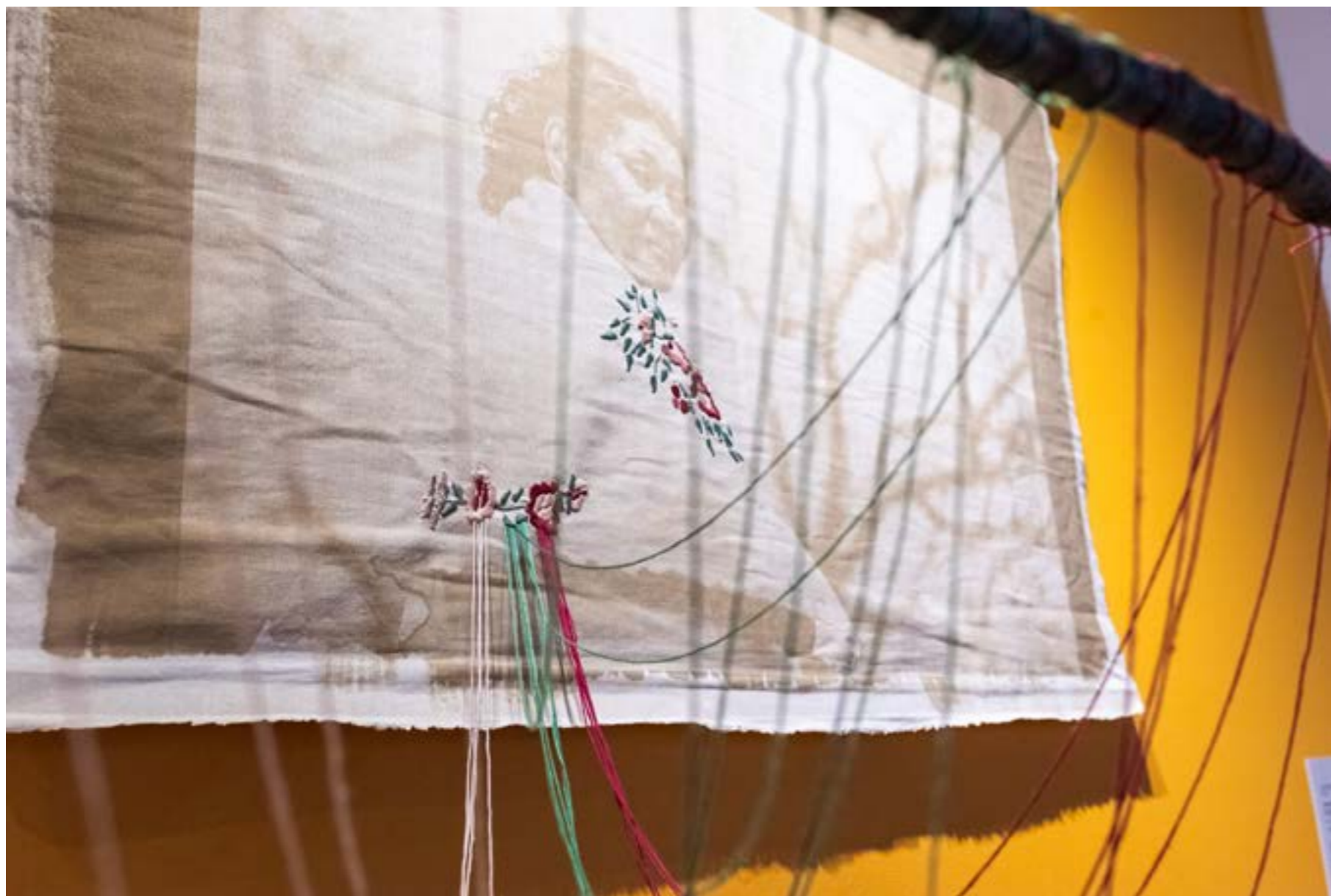


Figura 9: Obra da artista Laís Domingues, *Dona Margarida*, 2024. Fotografia revelada artesanalmente com técnica Marrom Van Dyke em tecido de brim branco, em suporte de madeira envernizado e linha sobre tecido de algodão, linha e galho de árvore, 78 x 110 cm. Foto: Thaís Monteiro



Figura 10: Obra da artista Mónica Millán, *Inventario de una isla rodeada de tierra*, 2023-2024. Telas de Ao po'i, bordadas en su propio hilo, guardas bordadas a mano, 290 x 320 cm. Foto: Thaís Monteiro

## 5. ESPIRITUAL E SAGRADO, COM NÁDIA TAQUARY E CLÁU EPIPHANIO

Esses trabalhos entram em sinergia porque neles a matéria torna-se meio de conexão entre espiritualidade e ancestralidade. As práticas evocam saberes da ancestralidade afro-brasileira e dos conhecimentos femininos no coser.

Nádia Taquary trabalha com a madeira ipê, miçangas de vidro, búzios africanos, tecido de algodão, lagdibás e bronze. Esses materiais, tecnologias e estéticas afro-diaspóricas trazem para a superfície da sala expositiva a presença de histórias sistematicamente apagadas. Já nas obras de Cláu Epiphanio, o bordado emerge como prática intuitiva e espiritual, herança familiar matriarcal. Ela cria amuletos a partir de fragmentos têxteis, reorganizando memórias do cotidiano em novas simbologias. Os gestos manuais de fundir, bordar e amarrar tornam-se linguagem para acessar aquilo que não foi dito,



Figura 11: Obras da artista Nádya Taquary. *EG08*, da série *É o que não se vê*, 2024, madeira ipê, miçangas de vidro da República Tcheca, búzios africanos, tecido de algodão, lagdibás e bronze, 160 x 40 x 50 cm, e *EG01*, da série *É o que não se vê*, 2024, madeira ipê, bronze 70, palha e lagdibá, 160 x 45 x 45 cm. Foto: Thaís Monteiro



Figura 12: Obra da artista Cláu Epiphanio, *Edredom*, 2024. Recorte de edredom bordado com aplicação de almofadas de algodão com enchimento, 100 x 82 cm. Foto: Thaís Monteiro

conectando passado e presente por meio do feminino sagrado.

“Tecendo Histórias: Arte Têxtil Latino-Americana” é também reconhecer o caminho que o próprio processo curatorial percorreu. O que começou como uma reflexão íntima sobre o bordado e sobre os encontros que o fazer manual possibilita transformou-se, ao longo da pesquisa e do diálogo com as artistas, em uma trama muito maior. Cada obra revelou como o fazer manual carrega histórias que atravessam territórios, lembranças familiares, espiritualidades e formas de resistência que persistem no cotidiano.

Ao reunir essas práticas em um mesmo espaço, a exposição não pretende oferecer uma leitura única, mas abrir um campo de escuta entre diferentes experiências latino-americanas. Como em uma grande costura coletiva, as obras se encontram sem perder suas singularidades, formando uma paisagem onde gesto, matéria e

memória continuam a se entrelaçar. Talvez seja justamente aí que resida a força do têxtil: na sua capacidade de manter vivos os vínculos entre passado e presente, entre o íntimo e o político, entre aquilo que se tece individualmente e aquilo que só pode existir no coletivo.



Figura 13: Obra da artista Claudia Lara, *Jardim Ancestral*, 2023. Instalação têxtil com rede, lãs, fios diversos, aplicação de bordado, feltragem, crochê e tricô, 300 x 200 x 20 cm. Foto: Thaís Monteiro

## NOTAS

1. A exposição “Tecendo Histórias: Arte Têxtil Latino-Americana”, realizada no SESC Tijuca, Rio de Janeiro, contou com ampla divulgação em veículos especializados em arte contemporânea. Entre eles, o portal Dasartes, que publicou matéria sobre a mostra em 14 de março de 2026, destacando a proposta curatorial e a reunião de artistas latino-americanas que investigam o têxtil como linguagem estética e política. Disponível em: <https://dasartes.com.br/agenda/tecendo-historias-arte-textil-latino-america-na-sesc-tijuca/>

2. A exposição também foi divulgada pelo portal ArtSoul, que apresentou uma matéria sobre o projeto no dia 14 de março de 2026, ressaltando a diversidade de artistas participantes e a abordagem contemporânea da arte têxtil no contexto latino-americano. Disponível em: <https://artsoul.com.br/revista/eventos/exposicao-coletiva-tecendo-historias-arte-textil-latino-americana>

## FRANCELA CARRERA

Francela Carrera (Guatemala) é curadora, pesquisadora e crítica de arte. Mestre em Artes Visuais pela UDESC e especialista em Gestão Cultural pela PUC-SP, formou-se em Artes Visuais pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Como curadora independente, trabalhou com espaços culturais como Jardim Botânico (RJ), Museu do Amanhã (RJ), SESC (RJ), Museu de Arte e Cultura de Caraguatatuba (SP), Casa da Cultura da América Latina - CAL/UNB (DF), Museu Municipal de São José dos Campos (SP), Centro Cultural Municipal Oduvaldo Vianna Filho (RJ), Centro Cultural Correios (RJ), MAMAM (PE), Fundação Cultural Badesc (SC), Itamaraty (Br), Sala MAC (Honduras). Sua pesquisa investiga a relação entre arte, política e memória na produção de mulheres latino-americanas. Atualmente, é membro da ABCA e curadora do Instituto Artistas Latinas.